



GOVERNO DO ESTADO  
RIO GRANDE DO SUL

SECRETARIA DE PLANEJAMENTO, GOVERNANÇA E GESTÃO  
DEPARTAMENTO DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA

**BOLETIM**  **de**  
**CONJUNTURA**   
DO RIO GRANDE DO SUL  
V. 3 N. 2



**GOVERNO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL**

Governador: Eduardo Leite

Vice-Governador: Ranolfo Vieira Júnior

**SECRETARIA DE PLANEJAMENTO, GOVERNANÇA E GESTÃO**

Secretário: Claudio Gastal

Secretária Adjunta: Izabel Matte

Subsecretário de Planejamento: Antonio Paulo Cargnin

**DEPARTAMENTO DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA**

Diretor: Pedro Tonon Zuanazzi

Divisão de Análise Econômica: Vanessa Neumann Sulzbach

# BOLETIM DE CONJUNTURA DO RIO GRANDE DO SUL

V. 3 N. 2, junho 2021

Porto Alegre, RS

Bol. Conj. RS	Porto Alegre	v. 3	n. 2	p. 1-21	jun. 2021
---------------	--------------	------	------	---------	-----------

Qualquer parte desta publicação pode ser reproduzida, desde que citada a fonte.

<https://dee.rs.gov.br/boletim-conjuntura>

Departamento de Economia e Estatística (DEE-SPGG)

R. Duque de Caxias, 1691

Porto Alegre - RS - 90010-281

Fone: (51) 3216-9000

E-mail: [dee@planejamento.rs.gov.br](mailto:dee@planejamento.rs.gov.br)

Homepage: <https://dee.rs.gov.br/inicial>

Diretor: Pedro Tonon Zuanazzi

Chefe da Divisão de Análise Econômica: Vanessa Neumann Sulzbach

Equipe Técnica: Fernando Ioannides Lopes da Cruz, Martinho Roberto Lazzari, Tomás Amaral Torezani e Vanessa Neumann Sulzbach

Revisão Técnica: Bruna Kasprzak Borges

Revisão de Língua Portuguesa: Susana Kerschner

Normalização Bibliográfica: João Vítor Ditter Wallauer

Projeto Gráfico: Vinicius Ximendes Lopes

#### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

Boletim de conjuntura do Rio Grande do Sul / Secretaria de Planejamento, Governança e Gestão, Departamento de Economia e Estatística – V. 1, n. 1, (2019)- . – Porto Alegre: Secretaria de Planejamento, Governança e Gestão, 2019- .  
v. : il.

Trimestral.

1. Condições econômicas. 2. Economia Internacional. 3. Economia – Brasil. 4. Economia – Rio Grande do Sul. I. Rio Grande do Sul. Secretaria de Planejamento, Governança e Gestão. Departamento de Economia e Estatística.

CDU 338.1

Bibliotecário responsável: João Vítor Ditter Wallauer – CRB 10/2016

Publicação periódica trimestral que apresenta uma análise detalhada do desempenho da economia gaúcha no contexto dos mercados nacional e internacional.

# SUMÁRIO

<b>SUMÁRIO EXECUTIVO</b>	4
<b>1 CENÁRIO EXTERNO</b>	5
<b>2 CENÁRIO INTERNO — BRASIL</b>	9
2.1 ATIVIDADE ECONÔMICA .....	9
2.2 INFLAÇÃO E JUROS .....	12
2.3 FINANÇAS PÚBLICAS .....	12
<b>3 CENÁRIO INTERNO — RS</b>	14
3.1 ATIVIDADE ECONÔMICA .....	14
3.2 SETOR EXTERNO .....	16
3.3 MERCADO DE TRABALHO .....	16
3.4 ARRECADAÇÃO DE ICMS .....	17
3.5 PERSPECTIVAS .....	18
<b>PRINCIPAIS INDICADORES MENSAIS</b>	19
<b>REFERÊNCIAS</b>	20

## SUMÁRIO EXECUTIVO

O primeiro trimestre de 2021 foi marcado pela continuidade da recuperação econômica global, que reflete, de modo geral, o avanço das vacinações, do consequente relaxamento de medidas de isolamento e da manutenção de estímulos econômicos em diversos países. Contudo, essa recuperação tem-se mostrado desigual, com avanços mais sólidos nas economias avançadas e na China e com maiores dificuldades nos países emergentes, onde a vacinação é mais lenta (com consequência sobre o aumento do número de casos de infecção da Covid-19 e de novas variantes do vírus), e os estímulos econômicos, mais tímidos.

Estima-se que, em 2021, a economia global cresça entre 5,6% e 6,0%, a depender do órgão que fez as projeções, seja o Banco Mundial, a Organização Para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) ou o Fundo Monetário Internacional (FMI). De qualquer modo, será o maior ritmo de recuperação pós-recessão em 80 anos. A demanda global em crescimento, a melhora nos investimentos das economias avançadas e a recuperação do comércio, sobretudo na Ásia, têm impulsionado a produção industrial mundial, além de contribuírem para a manutenção dos preços das *commodities* em patamares historicamente altos. Essa fase de recuperação, contudo, traz alguns desafios que podem colocar em xeque o ritmo de recuperação imprimido até então, como gargalos de fornecimento e logística, que já dão sinais sobre a produção no mundo todo, inclusive no Brasil e no Rio Grande do Sul. Além disso, outros riscos, como ondas adicionais de novas variantes do coronavírus, o recrudescimento mais do que esperado da inflação e ondas de falências de empresas, permanecem.

Nessa conjuntura, o Brasil também deu seguimento à recuperação da economia iniciada no terceiro trimestre de 2020, contudo a um ritmo mais lento. Com a retirada das medidas anticíclicas, a taxa de crescimento do PIB, na margem, cresceu a uma taxa inferior à do trimestre anterior pelo segundo trimestre consecutivo. Na comparação com o quarto trimestre de 2020, com ajuste sazonal, o registro foi de alta de 1,2%, ao passo que, em relação ao mesmo trimestre do ano anterior, o crescimento foi de 1,0%. No trimestre, destacam-se as atividades da agropecuária e da indústria extrativa, que refletem o bom momento da demanda

global por seus produtos, sobretudo soja e minérios. De fato, as exportações cresceram significativamente no trimestre e seguiram com crescimento no acumulado de janeiro a maio (30,6%<sup>1</sup>). Apesar da desaceleração, o crescimento levou o nível do Produto Interno Bruto (PIB) a retornar ao patamar observado no quarto trimestre de 2019, anterior ao início das medidas restritivas para controle da pandemia.

Os dados mais recentes de abril mostram resultados mistos para os diferentes setores da economia. Na comparação com o mês imediatamente anterior, enquanto serviços e comércio cresceram 3,8% e 0,7% respectivamente, a produção industrial teve sua terceira queda consecutiva.

O problema de oferta em alguns setores, com elevação dos preços industriais, o alto preço das *commodities* e a própria recuperação da atividade econômica acima do esperado contribuíram para a alta da inflação no País — Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) —, que chegou a 8,1% no acumulado em 12 meses até maio, estourando a banda superior da meta de inflação (5,25%). Como resposta, o Banco Central elevou a Selic pela terceira vez consecutiva, para 4,25% a.a. Ainda assim, com cenário monetário mais apertado e com desafios ainda grandes pelo lado fiscal, as expectativas de crescimento para o PIB de 2021 elevaram-se, chegando a 5,0%.

A economia gaúcha, nesse contexto, teve um resultado muito positivo no primeiro trimestre do ano, com crescimento de 4,0% na margem e 5,5% na comparação com mesmo trimestre de 2020. Contribuíram, para isso, a agropecuária, que se recuperou depois de um ano de estiagem e alcançou recordes de produção, e a indústria, que foi o setor com o melhor desempenho depois de abril de 2020, mês que marcou o pior momento para a atividade econômica no Estado e no Brasil.

Além do crescimento da produção física (79,4% da soja, 20,6% do fumo e 29,4% da uva), o setor da agropecuária vem beneficiando-se do aumento dos preços recebidos devido à elevação dos preços internacionais. Com isso, o efeito renda também se espalhou para outros setores da economia, como, por exemplo, a produção de máquinas e equipamentos e alguns serviços.

Os dados mais recentes, contudo, mostram desaceleração da indústria, que passou a sofrer com o aumento das restrições sanitárias em fevereiro e março e

<sup>1</sup> De acordo com o Sistema de Estatísticas do Comércio Exterior (Comex Stat).

com a parada de importante fabricante de automóveis em função de problemas com a oferta de insumos. O comércio gaúcho também sofreu com tais restrições, além de refletir a redução do Auxílio Emergencial. Em abril, contudo, a atividade apresentou forte recuperação, porém sem permitir que o setor retornasse para os níveis pré-pandemia. O volume de serviços, por sua vez, tem apresentado estabilidade, com crescimento de 1,5% no acumulado de janeiro a abril de 2021, de modo a não recuperar o volume de janeiro de 2020.

O bom desempenho econômico do primeiro trimestre ainda não se traduziu totalmente no mercado de trabalho do Estado. No mercado formal de trabalho, houve criação 74.018 novas vagas entre janeiro e abril de 2021, fazendo com que as perdas ocorridas entre março e junho de 2020 fossem mais do que recuperadas. Por outro lado, os dados que englobam os mercados formais e informais de trabalho indicam que o número de pessoas ocupadas é ainda 386 mil menor do que o registrado no primeiro trimestre de 2020. Nesse contexto, a taxa de desocupação alcançou 9,2%.

Em relação aos próximos meses, as perspectivas para o desempenho da economia do Rio Grande do Sul continuam mistas. Pelo lado da agropecuária, o período à frente será marcado pela maior parte do impacto da supersafra de soja, com a injeção de vultosos recursos na própria atividade agrícola, como, também, de maneira indireta, nas atividades relacionadas da indústria, do comércio e dos serviços.

Pelo lado da indústria de transformação, as perspectivas são de dupla natureza. Se, por um lado, a confiança dos empresários aponta para uma retomada após três meses de queda, gargalos de produção, como oferta de semicondutores para um importante fabricante de automóveis, por exemplo, podem limitar o desempenho do setor. Por fim, a retomada do Auxílio Emergencial nacional e o programa de auxílio estadual devem contribuir para os setores de comércio e serviços no Estado.

De fundo, a pandemia e a evolução da vacinação serão fatores que impactarão o desempenho geral da atividade econômica, destacadamente daquelas que dependem mais da movimentação de pessoas, como o comércio e alguns importantes serviços.

## 1 CENÁRIO EXTERNO

Os resultados do Produto Interno Bruto (PIB) do primeiro trimestre de 2021 apontam para uma forte recuperação da atividade econômica mundial. Tal recuperação é fruto, de forma geral, do avanço das vacinações, do consequente relaxamento de medidas de isolamento e da manutenção de estímulos econômicos substanciais. Entretanto, ela vem dando-se de maneira altamente desigual e consubstanciando-se nas economias avançadas (e na China), enquanto as economias emergentes<sup>2</sup> se mostram bem distantes dessa realidade, com custos humanos e econômicos ainda elevados.

A aceleração da economia mundial no início deste ano, na esteira do processo de recuperação a partir do 3.º trim./2020, vem elevando as projeções positivas para o ano corrente, assim como para 2022. De acordo com a publicação de junho do Banco Mundial (2021), o produto global deve crescer 5,6% em 2021, uma revisão 1,5 p.p. acima da projeção realizada em janeiro, configurando-se, assim, como o ritmo de crescimento mais acelerado de uma recessão em 80 anos (**Tabela 1.1**). Da mesma forma, as projeções da Organização Para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) (2021), em maio, e do Fundo Monetário Internacional (FMI) (2021), em abril, também foram revistas para cima (crescimento de 5,8% em 2021 e de 4,4% em 2022, no caso da OCDE, e de 6,0% e 4,4% no caso do FMI). Em comum, todas as revisões altistas das previsões de crescimento são maiores para o grupo de economias avançadas do que para as economias emergentes. Nesse particular, o Banco Mundial prevê que cerca de 90% das economias avançadas devem recuperar seus níveis de renda *per capita* pré-pandemia até 2022, enquanto esse número cai para um terço entre as economias emergentes, mesmo com o fortalecimento da demanda externa e o recrudescimento dos preços das *commodities*.

As projeções do Banco Mundial apontam os Estados Unidos e as demais economias avançadas como os maiores contribuintes para o crescimento do produto global em 2021 e 2022 (**Gráfico 1.1**). Enquanto, na média do período 2015-19, a contribuição da China e das demais economias emergentes totalizou 57% do crescimento mundial, em 2021 e 2022 ela deve se arrefecer

<sup>2</sup> Ao longo desta seção, resume-se ao termo “economias emergentes” a definição mais precisa de “economias em desenvolvimento e mercados emergentes”.

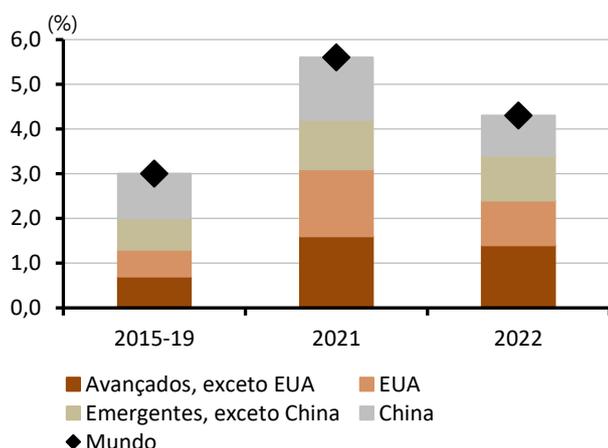
(45% e 44% respectivamente)<sup>3</sup>. Por outro lado, espera-se uma forte contribuição dos Estados Unidos (27% e 23%) e das demais economias avançadas (29% e 33%) para o crescimento do PIB mundial de 2021 e 2022, o que demonstra a desigualdade no ritmo de recuperação de cada um dos grupos de economias.

**Tabela 1.1 - Crescimento observado do Produto Interno Bruto (PIB) e de outras variáveis, por economias selecionadas e no mundo, em 2018-20 e projeções para 2021-22**

DISCRIMINAÇÃO	OBSERVADO (%)			PREVISÃO (%)		DIFERENÇA ANTE JAN/2021 (p.p.)	
	2018	2019	2020	2021	2022	2021	2022
<b>PIB mundial</b> .....	3,2	2,5	-3,5	5,6	4,3	1,5	0,5
Economias avançadas	2,3	1,6	-4,7	5,4	4,0	2,1	0,5
Estados Unidos .....	3,0	2,2	-3,5	6,8	4,2	3,3	0,9
Área do Euro .....	1,9	1,3	-6,6	4,2	4,4	0,6	0,4
Japão .....	0,6	0,0	-4,7	2,9	2,6	0,4	0,3
Economias emergentes	4,6	3,8	-1,7	6,0	4,7	0,8	0,4
Exclusive China .....	3,2	2,4	-4,3	4,4	4,2	1,0	0,6
China .....	6,8	6,0	2,3	8,5	5,4	0,6	0,2
Índia .....	6,5	4,0	-7,3	8,3	7,5	2,9	2,3
Brasil .....	1,8	1,4	-4,1	4,5	2,5	1,5	0,0
Argentina .....	-2,6	-2,1	-9,9	6,4	1,7	1,5	-0,2
<b>Comércio mundial de bens e serviços</b> .....	4,2	1,2	-8,3	8,3	6,3	3,3	1,2
<b>Preço do petróleo</b> .....	29,4	-10,2	-32,8	50,3	0,0	42,2	-13,6
<b>Preços de commodities não energéticas</b> ...	1,7	-4,2	3,0	22,5	-2,5	20,1	-3,8

Fonte: Banco Mundial (2021).

**Gráfico 1.1 - Contribuições para o crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) mundial — 2015-19, 2021 e 2022 (%)**



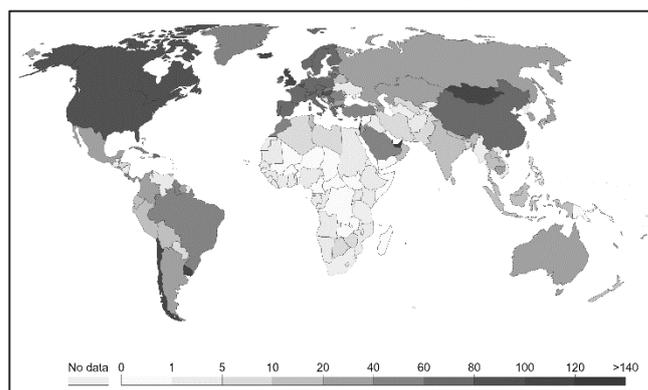
Fonte: Banco Mundial (2021).

Uma explicação direta para a referida recuperação desigual reside no processo de vacinação da população, que está muito mais avançado nas economias mais ricas, enquanto o resto do mundo continua com

<sup>3</sup> Também em função das mudanças estruturais em curso da economia chinesa.

dificuldades de acesso a imunizantes e elevados novos casos diários de Covid-19 são registrados (**Figura 1.1** e **Gráfico 1.2**). Ao permitir uma maior circulação de pessoas efetivamente vacinadas, aumenta-se a reabertura gradual de atividades de contato intensivo, sobretudo no setor de serviços, que vinha sendo mais impactado do que a indústria, dinamizando a atividade econômica. Ao mesmo tempo, vigorosos estímulos fiscais também por parte das economias avançadas, sobretudo dos Estados Unidos, e políticas monetárias ainda acomodativas apoiam a recuperação econômica através da elevação da demanda e da redução da capacidade ociosa. Por outro lado, grande parte das economias emergentes vê-se em um cenário de falta de acesso efetivo a vacinas, elevados casos de Covid-19, novos surtos de infecção e retirada antecipada de apoios econômicos, o que deve limitar o seu crescimento a curto prazo.

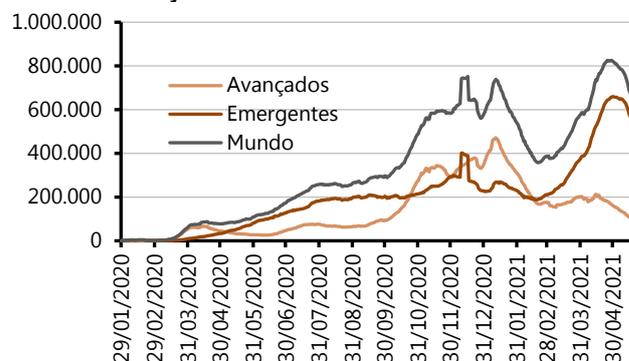
**Figura 1.1 - Número de primeiras doses de vacinas administradas, por 100 pessoas, no mundo — 19 de junho de 2021**



Fonte: Global Change Data Lab (2021).

Nota: Quanto mais escuro, maior o número de doses administradas.

**Gráfico 1.2 - Novos casos diários de Covid-19 no mundo — 29 de janeiro de 2020 a 25 de maio de 2021**

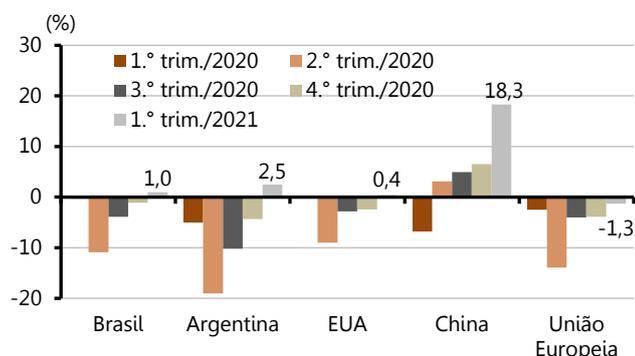


Fonte: Banco Mundial (2021).

Nota: Média móvel de sete dias.

Os dados mais recentes do PIB indicam a manutenção da recuperação de importantes economias globais no início do ano. No primeiro trimestre, os Estados Unidos cresceram 6,4% na taxa anualizada e dessazonalizada em relação ao último trimestre de 2020 (quando experimentaram um crescimento de 4,3%). Já na comparação com o mesmo trimestre do ano anterior (quando já se sentiam os efeitos iniciais da pandemia), a economia norte-americana cresceu 0,4% (**Gráfico 1.3**). O crescimento do PIB no início de 2021 refletiu os aumentos no consumo das famílias e no investimento fixo (residencial e não residencial), sendo parcialmente compensado por recuos na variação de estoques e nas exportações líquidas. Segundo o instituto de estatísticas dos Estados Unidos (Bureau of Economic Analysis), o referido crescimento reflete a recuperação econômica, a reabertura de estabelecimentos e a contínua resposta do Governo relacionada à pandemia de Covid-19. O Banco Mundial aumentou em 3,3 p.p. a previsão de crescimento dos Estados Unidos em 2021 (6,8%), em relação à previsão anterior realizada em janeiro.

**Gráfico 1.3 - Taxas de crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) trimestral em economias selecionadas — 2020 e 2021**



Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2021e).  
Instituto Nacional de Estadística y Censos (2021).  
Bureau of Economic Analysis (2021).  
National Bureau of Statistics of China (2021).  
Statistical Office of the European Communities (2021).  
Nota: Comparação com o mesmo período do ano anterior.

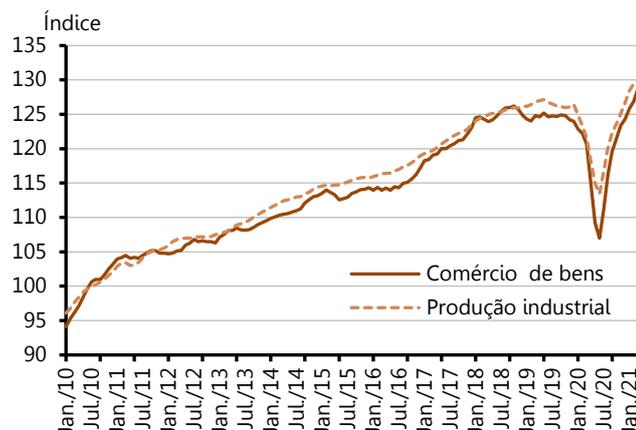
Já a economia chinesa registrou um crescimento de 18,3% no primeiro trimestre de 2021, na comparação interanual, configurando a maior taxa da série histórica desde 1992, puxada pelo aumento das vendas no varejo e da produção industrial pelo lado da oferta, e dos investimentos em ativos fixos pelo lado da demanda. Entretanto, esse crescimento ocorreu em cima de uma base deprimida, momento no qual o País sentiu com mais intensidade os efeitos adversos da pandemia. Na margem, o PIB cresceu 0,6%, abaixo dos dois trimestres anteriores (3,1% e 3,2%), muito em função das

restrições de viagens e reuniões do Governo durante o Ano Novo Lunar (maior feriado chinês, em fevereiro), bem como de novos surtos pontuais do vírus, da redução gradual de estímulos econômicos e da contenção de riscos financeiros na economia. Ressalta-se que a China já atingiu o seu nível de renda anterior à pandemia ainda em 2020, o que também indica a normalização do seu crescimento. Segundo o Banco Mundial, a China deve crescer 8,5% em 2021 e 5,4% em 2022.

Por outro lado, a União Europeia registrou uma contração de 1,3% do PIB no primeiro trimestre, na comparação interanual, e recuo de 0,3% na comparação com o trimestre imediatamente anterior, resultado das medidas de *lockdown* impostas para conter a retomada do contágio do novo coronavírus nesse início de ano. Entretanto as perspectivas são positivas para o restante do ano, com expectativa de forte recuperação, à medida que as campanhas de vacinação vão ampliando-se e as medidas de isolamento estão sendo abrandadas. O Banco Mundial estima que a Zona do Euro deve apresentar uma aceleração do crescimento de 4,2% em 2021 e de 4,4% em 2022, diferentemente de outras economias, que devem reduzir o crescimento em 2022 ante 2021. A própria Comissão Europeia prevê um crescimento da economia da Zona do Euro de 4,3% em 2021 e de 4,4% em 2022.

Uma fonte relevante da recuperação da economia global reside no impulso da produção manufatureira e do comércio de bens desde o terceiro trimestre de 2020, os quais ultrapassaram seus níveis anteriores à pandemia ainda no ano passado (**Gráfico 1.4**). A retomada dos investimentos em grandes economias, a forte demanda global por suprimentos médicos, equipamentos de proteção individual e de tecnologia da informação, a liberação gradual da demanda reprimida por bens duráveis nas economias avançadas e a recuperação do comércio na Ásia vêm sustentando a retomada desses indicadores. Entretanto, alguns gargalos nas cadeias de fornecimento e de logística começam a aparecer em meio a esse cenário, através, por exemplo, da elevação dos custos comerciais e da escassez de contêineres e de oferta de semicondutores (afetando a cadeia automobilística). Por sua vez, o comércio de serviços permanece fraco, mas com tendência de recuperação a partir da reabertura gradual das economias e da manutenção de estímulos fiscais.

**Gráfico 1.4 - Produção industrial e comércio de bens no mundo — jan./10-mar./21**

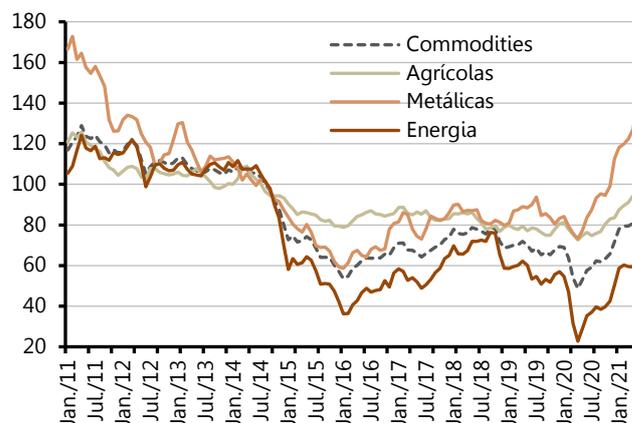


Fonte: CPB Netherlands Bureau for Economic Policy Analysis (NETHERLANDS, 2021).

Nota: Média móvel de três meses; índice de volume com ajuste sazonal (2010 = 100).

A recuperação econômica global e as melhores perspectivas de crescimento (assim como alguns fatores de ofertas específicos) também vêm aumentando fortemente os preços das *commodities*, que continuam recuperando-se de maneira intensa. O índice geral de *commodities* de maio do FMI, medido em termos reais, é o mais alto desde novembro de 2014, e os preços de muitas *commodities* já estão acima de seus níveis pré-pandemia (**Gráfico 1.5**). Enquanto o índice das *commodities* do FMI cresceu cerca de 40% no acumulado de janeiro a maio de 2021, em relação ao mesmo período do ano anterior, os preços das *commodities* metálicas e energéticas subiram mais de 60%, e os dos produtos agrícolas, 20%. Após atingir mínimas históricas, o preço do petróleo apresenta uma rápida recuperação, tanto pela retomada gradual da atividade econômica global quanto pelos sucessivos cortes na produção por parte da Organização dos Países Exportadores de Petróleo (OPEP) e seus parceiros. Os preços dos metais vêm recrudescendo substancialmente pela forte demanda da China e do resto do mundo. Os preços dos produtos agrícolas também vêm aumentando pela escassez de oferta na América do Sul e pela demanda da China, também por conta da recomposição de seu rebanho suíno após a peste suína africana registrada a partir de meados de 2018.

**Gráfico 1.5 - Índice de preço de commodities — jan./2011-maio/2021**



Fonte: Fundo Monetário Internacional (2021).

Nota: Deflacionado pelo índice de preço ao consumidor dos EUA (2014 = 100).

O fortalecimento dos preços das *commodities* também vem contribuindo para o aumento da inflação ao redor do mundo nesse primeiro semestre, atrelado à recuperação da atividade econômica, à retomada gradual do setor de serviços, a gargalos em certas cadeias produtivas e interrupções no comércio e à movimentação na política macroeconômica, sobretudo dos Estados Unidos. Embora existam pressões inflacionárias no curto prazo, elas tendem a ser temporárias e não devem perdurar, devido à capacidade ociosa da economia, ao mercado de trabalho desaquecido e à continuidade da acomodação monetária por parte dos principais bancos centrais.

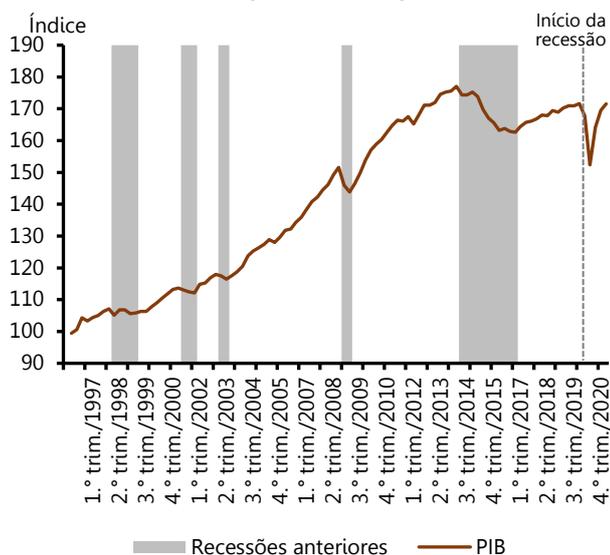
Por fim, apesar do otimismo com a recuperação da economia global em 2021 (e 2022) a partir dos atuais ritmos de vacinação e de flexibilizações de medidas restritivas, riscos significativos apresentam-se no horizonte e podem testar a capacidade e durabilidade de tal recuperação por possibilidades de: ondas adicionais de Covid-19 por conta de novas variantes do vírus; atrasos no ritmo de vacinação; recrudescimento das pressões inflacionárias mais rápidas do que o esperado; estresse financeiro em meio a altos níveis de dívida de diversas economias e aumento repentino nas taxas de juros; e onda de falências de empresas com repercussões no sistema bancário.

## 2 CENÁRIO INTERNO — BRASIL

### 2.1 ATIVIDADE ECONÔMICA

No primeiro trimestre de 2021, o comportamento do PIB brasileiro indicou a continuidade da recuperação da economia no contexto da crise do coronavírus, contudo a um ritmo mais lento (**Gráfico 2.1**). Com a retirada das medidas anticíclicas, o PIB, na margem, cresceu a uma taxa inferior à do trimestre anterior pelo segundo trimestre consecutivo. Na comparação com o 4.º trim./2020, com ajuste sazonal, o registro foi de alta de 1,2%, ao passo que, em relação ao mesmo trimestre do ano anterior, o crescimento foi de 1,0%. Devido à forte retração, concentrada no segundo trimestre do ano passado, o acumulado em quatro trimestres apresentou queda de 3,8%. Apesar da desaceleração, o crescimento levou o nível do PIB a retornar ao patamar observado no 4.º trim./2019 — anterior ao início das medidas restritivas para controle da pandemia na China e na Europa, que já afetavam o comércio global nos primeiros meses de 2020 —, porém segue 3,1% abaixo do pico de atividade anterior, verificado no 1.º trim./2014, segundo o Comitê de Datação dos Ciclos Econômicos (Codace) do Instituto Brasileiro de Economia da Fundação Getúlio Vargas (Ibre-FGV).

**Gráfico 2.1 - Produto Interno Bruto (PIB) do Brasil — 1.º trim./1996-1.º trim./2021**



Fonte dos dados brutos: Contas Nacionais Trimestrais (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2021e).  
Fundação Getúlio Vargas (2020).  
Nota: Os índices têm como base a média de 1995 = 100.

A **Tabela 2.1** apresenta as taxas de crescimento dos componentes do PIB pela ótica da oferta. Na margem, com ajuste sazonal, agropecuária, indústria e serviços tiveram desempenho positivo, com variações, respectivamente, de 5,7%, 0,7% e 0,4%.

**Tabela 2.1 - Produto Interno Bruto (PIB) do Brasil pela ótica da oferta — 1.º trim./2020-1.º trim./2021**

a) variação % em relação ao mesmo trimestre do ano anterior				
PERÍODOS	AGROPECUÁRIA	INDÚSTRIA	SERVIÇOS	PIB
1.º trim./2020	4,0	-0,3	-0,7	-0,3
2.º trim./2020	2,5	-14,1	-10,2	-10,9
3.º trim./2020	0,4	-0,9	-4,8	-3,9
4.º trim./2020	-0,4	1,2	-2,2	-1,1
1.º trim./2021	5,2	3,0	-0,8	1,0
b) variação % em relação ao trimestre imediatamente anterior				
PERÍODOS	AGROPECUÁRIA	INDÚSTRIA	SERVIÇOS	PIB
1.º trim./2020	1,1	-1,6	-1,2	-2,2
2.º trim./2020	0,1	-12,2	-9,5	-9,2
3.º trim./2020	0,5	15,3	6,4	7,8
4.º trim./2020	-1,5	1,6	2,7	3,2
1.º trim./2021	5,7	0,7	0,4	1,2

Fonte dos dados brutos: Contas Nacionais Trimestrais (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2021e).

Nessa base de comparação, a recuperação, em andamento, teve reflexos em diversos setores da economia, com 10 das 12 atividades apresentando crescimento no trimestre. Contudo, a desaceleração em importantes atividades dos serviços, como comércio, transportes e outros serviços, assim como a queda na indústria de transformação são pontos de atenção importantes. Além disso, as expressivas taxas de crescimento da agropecuária (5,7%) e da indústria extrativa (3,2%) ressaltam o papel das *commodities* no desempenho trimestral.

Em contrapartida, na comparação do 1.º trim./2021 com o 1.º trim./2020, oito das 12 atividades tiveram crescimento, em parte devido à baixa base de comparação provocada pelas fortes medidas de isolamento em meados de março de 2020, principalmente no caso dos serviços.

Sob a ótica da demanda, nas duas bases de comparação (trimestre contra mesmo trimestre do ano anterior e trimestre contra trimestre imediatamente anterior, com ajuste sazonal), houve registro de queda no consumo das famílias (-1,7% e -0,1%) e do Governo (-4,9% e -0,8%) e crescimento dos investimentos (17,0% e 4,6%), das exportações (0,8% e 3,7%) e das importações (7,7% e 11,6%) (**Tabela 2.2**).

**Tabela 2.2 - Produto Interno Bruto (PIB) do Brasil pela ótica da demanda — 4.º trim./2019-4.º trim./2020**

a) variação % em relação ao mesmo trimestre do ano anterior					
PERÍODOS	CONSUMO DAS FAMÍLIAS	CONSUMO DO GOVERNO	FBCF	EXPOR-TAÇÃO	IMPOR-TAÇÃO
1.º trim./2020	-0,7	-0,8	6,0	-2,4	5,2
2.º trim./2020	-12,2	-8,5	-13,9	0,7	-14,6
3.º trim./2020	-6,0	-5,3	-7,8	-1,1	-25,0
4.º trim./2020	-3,0	-4,1	13,5	-4,3	-3,1
1.º trim./2021	-1,7	-4,9	17,0	0,8	7,7

b) variação % em relação ao trimestre imediatamente anterior					
PERÍODOS	CONSUMO DAS FAMÍLIAS	CONSUMO DO GOVERNO	FBCF	EXPOR-TAÇÃO	IMPOR-TAÇÃO
1.º trim./2020	-1,5	-0,2	1,7	-2,9	-1,0
2.º trim./2020	-11,4	-7,8	-16,1	1,5	-11,4
3.º trim./2020	7,6	3,3	11,3	-1,7	-7,3
4.º trim./2020	3,2	0,9	20,0	-1,1	19,3
1.º trim./2021	-0,1	-0,8	4,6	3,7	11,6

Fonte dos dados brutos: Contas Nacionais Trimestrais (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2021e).

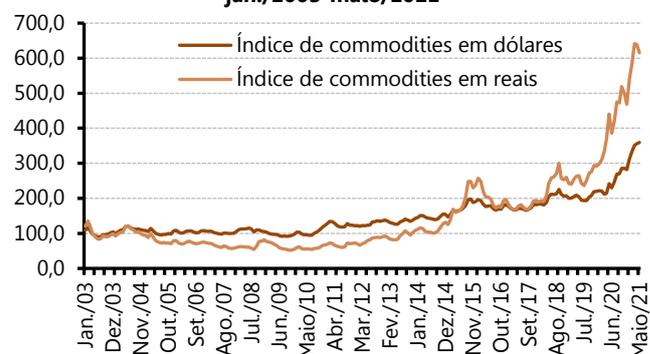
A elevação dos investimentos pode ser explicada, em parte, pelas “importações fictas” de plataformas de petróleo associadas a mudanças no regime aduaneiro do Repetro. Trata-se de estoque de capital relacionado ao setor petroquímico, que, embora já em utilização em território nacional, contabilmente, ainda não havia sido incorporado ao estoque de capital do País. Embora as mudanças no Repetro tivessem prazo até dezembro de 2020, há certo *delay* na contabilização de seus efeitos, conforme destaca Carvalho (2021). De fato, o indicador do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) de formação bruta de capital fixo (FBCF) mostra que, no primeiro trimestre do ano, apenas o componente de importação de máquinas e equipamentos apresentou crescimento na comparação com o trimestre imediatamente anterior (82,7%), enquanto a produção de máquinas e equipamentos nacional (-4,0%), a construção civil (-3,1%) e outros (-3,6%) caíram. Já na comparação com o 1.º trim./2020, todos os componentes tiveram crescimento, sendo o maior destaque, também, a importação de máquinas e equipamentos.

Por sua vez, o avanço significativo das exportações de bens e serviços nas duas bases de comparação foi mais do que compensado pelo incremento das importações — parcialmente afetadas pelo ajuste contábil relacionado ao Repetro, mencionado anteriormente —, gerando um efeito líquido negativo de 1,3% sobre o PIB.

Em termos de valor, em dólares, as exportações de bens cresceram cerca de 16% no trimestre, puxadas, sobretudo, por *commodities* como minério de ferro e

soja. Os principais destinos dos produtos exportados foram China (34%, com destaque para grãos, minérios, combustíveis e carnes na sua maioria), Estados Unidos (10%, para onde foram embarcados, principalmente, ferro e aço, combustíveis e reatores nucleares) e Argentina (4,4%, com vendas de veículos automotores e tratores, e reatores).

É importante destacar que o movimento altista das exportações foi favorecido tanto pelo incremento do *quantum* exportado, quanto pela recuperação do nível de preços internacionais. A valorização das *commodities*, aliada ao atual patamar elevado do câmbio, trouxe um ambiente de entrada de recursos bastante favorável. Ao passo que as *commodities* variaram 86%, em dólares, desde julho de 2019, em reais essa valorização foi de 160% no mesmo período (**Gráfico 2.2**). A entrada de recursos em reais tende a contribuir para a dinamização da economia, sobretudo em setores de comércio e serviços, que apresentam maiores dificuldades de recuperação. Por outro lado, esse efeito gera pressões sobre os preços domésticos, contribuindo para a alta da inflação.

**Gráfico 2.2 - Índice de commodities em reais e dólares — jan./2003-maio/2021**


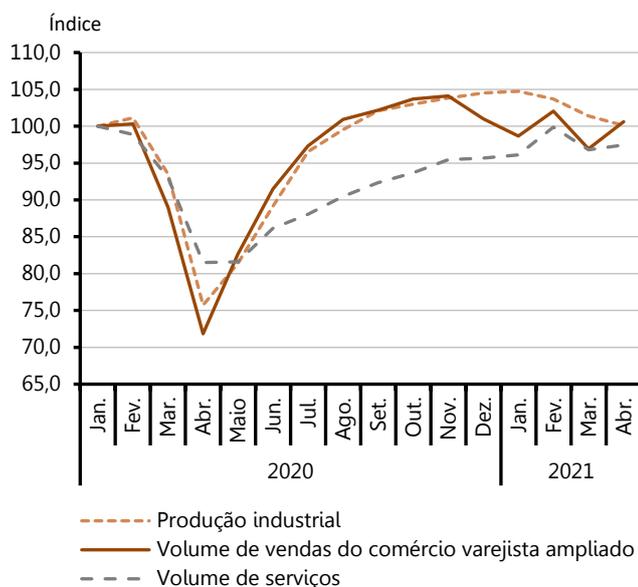
Fonte dos dados brutos: Banco Central do Brasil (2021).  
 Nota: Os índices têm como base a média de 2003 = 100.

Apesar do cenário externo favorável, os meses de fevereiro, março e abril foram marcados pelo recrudescimento da pandemia no País, pela introdução de novas medidas de isolamento em alguns Estados e pela consequente redução da mobilidade. Contudo, já nesse último mês, foi possível perceber certo recuo no número de casos confirmados a cada 100.000 habitantes, acompanhado de novos aumentos na mobilidade em diversos tipos de estabelecimentos. Além disso, com o resfriamento da recuperação e o agravamento da situação sanitária, o Governo Federal anunciou a reedição de medidas de combate aos efeitos econômicos da pandemia, algumas das quais passaram a vigorar já a partir de abril, a exemplo do Auxílio Emergencial e do

Programa Emergencial de Manutenção do Emprego e Renda, dentre outros (BRASIL, 2021).

Diante disso, em abril, os principais indicadores conjunturais mensais de atividade — produção industrial, volume de vendas do comércio varejista ampliado e volume de serviços — apresentaram resultados mistos (**Gráfico 2.3**). Na comparação com o mês imediatamente anterior, enquanto comércio e serviços cresceram 3,8% e 0,7% respectivamente, a produção industrial teve sua terceira queda consecutiva. Com esses resultados, todos os indicadores ficaram abaixo do nível de fevereiro de 2021; volumes de venda do comércio e produção da indústria de abril, por sua vez, estão acima da situação pré-pandemia, observada em janeiro de 2020.

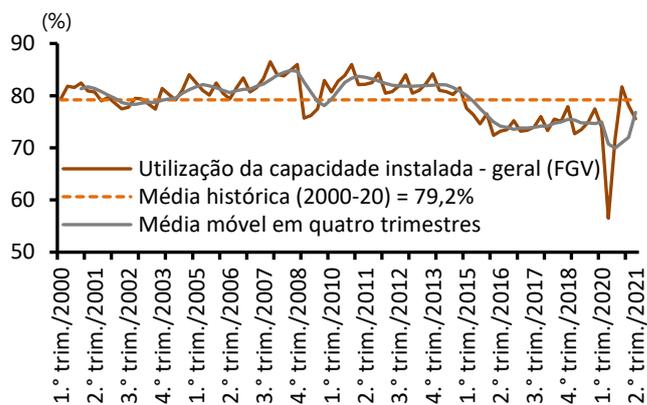
**Gráfico 2.3 - Produção industrial, volume de vendas do comércio varejista ampliado e volume de serviços com ajuste sazonal no Brasil — jan./2020-abr./2021**



Fonte: Pesquisa Industrial Mensal-Produção Física (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2021a).  
Pesquisa Mensal do Comércio (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2021b).  
Pesquisa Mensal dos Serviços (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2021c).  
Nota: Os índices têm como base jan./2020 = 100

No caso da indústria, outra evidência de desaceleração pode ser vista no comportamento da utilização da capacidade instalada (**Gráfico 2.4**). Após registrar o maior valor desde 2014 no 4.º trim./2020, o indicador apresentou duas quedas consecutivas, voltando a ficar abaixo da média histórica no 2.º trim./2021, quando atingiu 75,6%. Contudo, a média móvel em quatro trimestres teve crescimento pelo terceiro trimestre consecutivo.

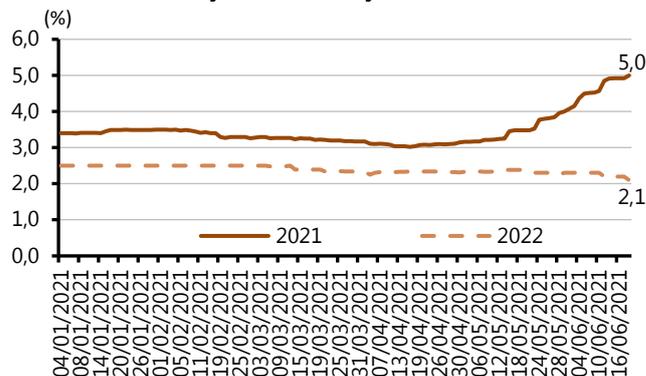
**Gráfico 2.4 - Utilização da capacidade instalada trimestral da indústria geral no Brasil — 1.º trim./2000-2.º trim./2021**



Fonte dos dados brutos: Banco Central do Brasil (2021).

Sob esses aspectos positivos mais recentes, o mercado vem revisando para cima sua projeção para o PIB. As revisões intensificaram-se conforme os números do primeiro trimestre se mostraram melhores do que o esperado pelo mercado. Quando o Índice de Atividade Econômica do Banco Central (IBC-Br), por exemplo, foi divulgado, no dia 13 de maio, a mediana das expectativas para o trimestre era de queda de 0,4%. No entanto, o indicador apontou um crescimento de 2,27% no trimestre, o que gerou seguidas revisões altistas para o resultado do PIB. De fato, a divulgação pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), no dia 1.º de junho, dos resultados trimestrais indicou alta de 1,0%, levando a um carregamento estatístico (*carry-over*) de 4,9% para o ano. Em outras palavras, mesmo que o crescimento nos próximos três trimestres seja de 0%, o PIB de 2021 crescerá 4,9% em relação ao de 2020. Diante dessas informações, as projeções mais recentes do Relatório Focus de 18.06.2021 apontam crescimento do PIB de 5,0% para 2021 e de 2,1% para 2022 (**Gráfico 2.5**).

**Gráfico 2.5 - Expectativas de crescimento para 2021 e 2022 do Produto Interno Bruto (PIB) do Brasil — 04 de janeiro a 18 de junho de 2021**



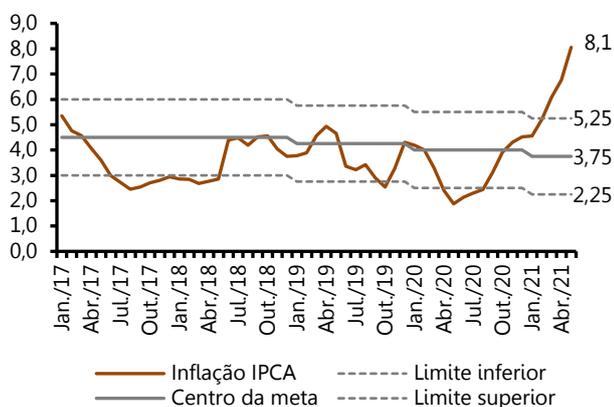
Fonte dos dados brutos: Banco Central do Brasil (2021a).

## 2.2 INFLAÇÃO E JUROS

A inflação segue sendo um grande desafio para a economia brasileira em 2021. A variação acumulada em 12 meses do Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) entrou em trajetória crescente desde o início do ano e disparou em maio, quando alcançou a marca de 8,1%, acima da banda superior da meta de inflação, de 5,25% (**Gráfico 2.6**).

No ano, contribuíram para essa elevação não apenas o alto preço das *commodities* e a dificuldade de normalização da oferta, devido a diversas restrições, mas também a recuperação da atividade econômica (reduzindo o hiato do produto).

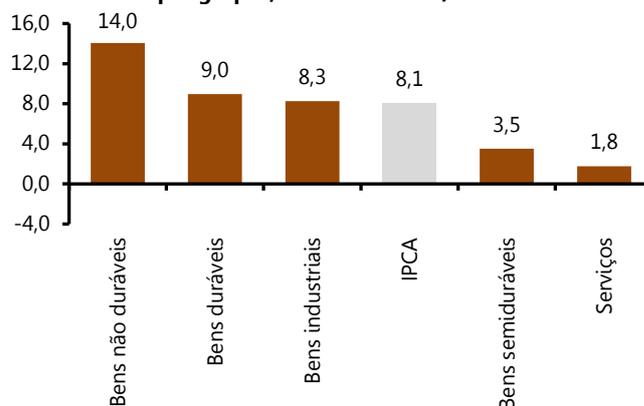
**Gráfico 2.6 - Variação percentual do Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) acumulado em 12 meses e metas de inflação no Brasil — jan./2017-jun./2021**



Fonte dos dados brutos: Banco Central do Brasil (2021).  
Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2021f).

Dentre as maiores variações, no acumulado em 12 meses, destacam-se transportes (14,9%) — afetados pelo preço dos combustíveis —, artigos de residência (12,6%) e alimentação e bebidas (12,5%). Em geral, os preços dos serviços (1,8%) mantiveram-se estáveis, em linha com a dificuldade de recuperação do setor. Os preços industriais, em contrapartida, vêm acelerando-se (8,3%) na mesma base de comparação, com problemas de normalização da oferta de produtos, assim como bens não duráveis (14,0%) (**Gráfico 2.7**).

**Gráfico 2.7 - Variação percentual do Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) acumulado em 12 meses, por grupos, no Brasil — abr./2021**



Fonte dos dados brutos: Banco Central do Brasil (2021).

Como resposta à escalada dos preços, o Banco Central do Brasil elevou a taxa Selic, pela terceira vez consecutiva, para 4,25% a.a. No cenário que contribuiu para tal decisão, estão a persistência da pressão inflacionária com elevação dos preços industriais, a manutenção dos preços das *commodities* em patamar elevado, o cenário positivo acima do esperado para atividade econômica e a deterioração do cenário hídrico — particularmente nas Regiões Sudeste e Centro-Oeste do País —, resultando em aumento das tarifas de energia elétrica.

Para o final do ano, as expectativas de mercado<sup>4</sup> sinalizam um quadro de aperto monetário nas próximas reuniões do Comitê de Política Monetária (Copom), com a Selic chegando a 6,5% a.a. e a inflação retrocedendo, a partir dos patamares atuais, para 5,9% em dezembro.

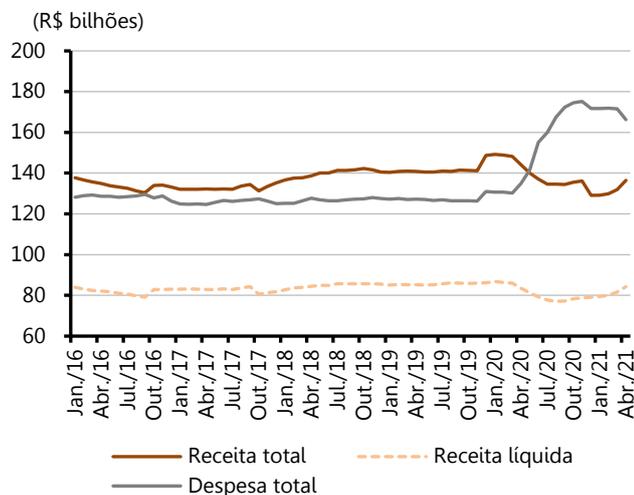
## 2.3 FINANÇAS PÚBLICAS

Os dados fiscais do início de 2021 apresentaram sinais de melhora. Os gastos totais do Governo desaceleraram na média em 12 meses até abril, passando de R\$ 171,6 bilhões para R\$ 166,3 bilhões, e as receitas totais elevaram-se de R\$ 131,9 bilhões para R\$ 136,5 bilhões (**Gráfico 2.8**). A recuperação da atividade econômica, a redução dos diferimentos tributários concedidos como resposta à pandemia (redução na ordem de R\$ 24 bilhões) e a recomposição das alíquotas de Imposto Sobre Operações Financeiras (IOF) auxiliaram pelo lado das receitas. Pelo lado das despesas, a

<sup>4</sup> Relatório de Mercado FOCUS, de 18 jun. 2021. Disponível em: <https://www.bcb.gov.br/publicacoes/focus/11062021>.

redução dos gastos direcionados ao enfrentamento da Covid-19 contribuiu para a desaceleração observada.

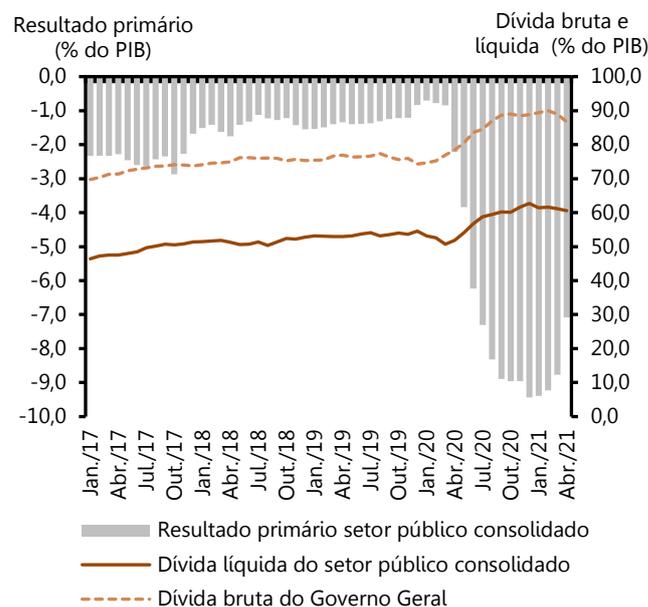
**Gráfico 2.8 - Receitas líquida e total e despesa total do Governo Central do Brasil — jan./2016-abr./2021**



Nessa conjuntura, o resultado primário do setor público consolidado melhorou e alcançou R\$ 24,3 bilhões, reduzindo o déficit no acumulado em 12 meses de R\$ 663,1 bilhões para R\$ 544,5 bilhões (8,8% para 7,1% do PIB), considerando os valores deflacionados pelo IPCA. Com a expansão do PIB e a melhora gradual das contas públicas, a dívida bruta recuou de 88,9% para 86,7% entre março e abril. A dívida líquida também apresentou retração, passando de R\$ 61,1% para 60,5%. Apesar da melhora parcial, o patamar da dívida segue elevado, exigindo atenção para possível comprometimento da recuperação econômica (**Gráfico 2.9**).

Para o ano, as expectativas<sup>5</sup> de mercado sinalizam um cenário de manutenção de indicadores elevados de dívida líquida, apesar da leve melhora de abril. Espera-se que ela chegue a 62,1% do PIB no final do ano. A dívida bruta, por outro lado, deve continuar caindo, chegando a 84,1% em dezembro. Prolongamentos adicionais das políticas fiscais de enfrentamento à pandemia podem trazer mais desafios para trajetória fiscal, podendo elevar os prêmios de risco do Brasil.

**Gráfico 2.9 - Resultado primário acumulado em 12 meses e estoques da dívida bruta e dívida líquida no Brasil — jan./17-abr./21**



<sup>5</sup> Relatório de Mercado FOCUS, de 18 jun. 2021. Disponível em: <https://www.bcb.gov.br/publicacoes/focus/11062021>.

## 3 CENÁRIO INTERNO — RS

### 3.1 ATIVIDADE ECONÔMICA

A economia gaúcha apresentou, no 1.º trim./2021, taxas bastante positivas de crescimento. Pesou, sobretudo, para tal desempenho, a baixa base de comparação observada no 1.º trim./2020, seja pela estiagem, que afetou a produção agrícola nesse período, seja pelos efeitos da pandemia, que foram sentidos, ainda em março de 2020, nas atividades industriais e de serviços. Em cima disso, as maiores contribuições para o aumento do Produto Interno Bruto vieram, em primeiro lugar, da agropecuária, que recuperou sua produção em 2021, e da indústria, que foi o setor que teve o melhor desempenho depois de abril de 2020, mês que marcou o pior momento para a atividade econômica no Estado e no Brasil.

Em relação ao 4.º trim./2020, o PIB do Estado cresceu 4,0% na série com ajuste sazonal (**Tabela 3.1**). Tal desempenho esteve associado, principalmente, ao aumento de 35,7% no Valor Adicionado Bruto (VAB) da agropecuária e de 3,8% no da indústria. O VAB dos serviços apresentou pequena taxa positiva, de 0,4%, ainda refletindo as maiores dificuldades que este setor enfrenta em relação à pandemia.

**Tabela 3.1 - Variação do Produto Interno Bruto (PIB), dos impostos e do Valor Adicionado Bruto (VAB), total e por atividades, do Rio Grande do Sul — 1.º trim./2021**

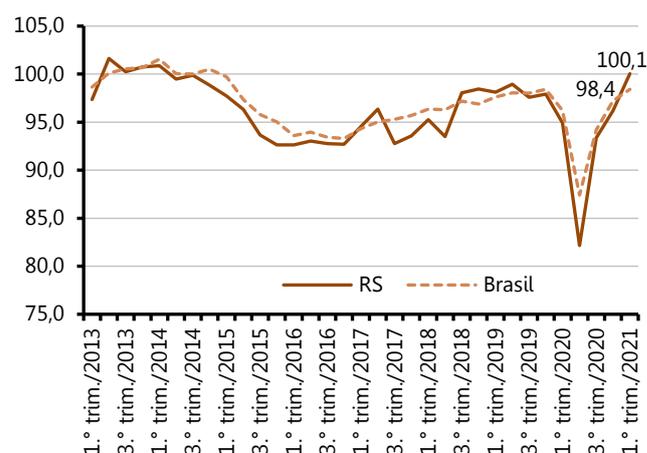
ATIVIDADES	1.º TRIM./2021	
	4.º TRIM./2020 (1)	1.º TRIM./2020
<b>PIB</b> .....	4,0	5,5
Impostos .....	-	8,2
<b>VAB</b> .....	4,0	5,0
Agropecuária .....	35,7	42,2
Indústria .....	3,8	10,5
Serviços .....	0,4	-2,4

Fonte: SPGG-RS/DEE (RIO GRANDE DO SUL, 2021a).  
(1) Com ajuste sazonal.

Na comparação com o 1.º trim./2020, a economia do Rio Grande do Sul apresentou crescimento de 5,5%. Novamente, as maiores contribuições vieram da agropecuária (42,2%) e da indústria (10,5%), com destaque para a expansão de 15,3% observada na indústria de transformação. Já os serviços, apresentaram queda de 2,4%, evidenciando o fato de esse setor ainda estar com nível de produção abaixo do verificado no trimestre que antecedeu o início da pandemia.

Com o expressivo crescimento do primeiro trimestre do ano, o volume do PIB mais do que recuperou o nível observado no 4.º trim./2019, último trimestre livre dos efeitos da pandemia. Na série com ajuste sazonal, o nível do 1.º trim./2021 está 2,1% acima do último trimestre de 2019. Considerando um prazo mais longo, o nível atual se iguala ao observado na segunda metade de 2014.

**Gráfico 3.1 - Índice do volume do Produto Interno Bruto (PIB) do Rio Grande do Sul e do Brasil — 1.º trim./2013-1.º trim./2021**



Fonte: SPGG-RS/DEE (RIO GRANDE DO SUL, 2021a).  
Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2021e).  
Nota: 1. Os índices têm como base a média de 2013 = 100.  
2. Série com ajuste sazonal.

Como visto, a agropecuária foi o grande destaque positivo do primeiro trimestre. Após sofrer pesadas perdas pela estiagem de 2020, a produção agrícola do Estado apresentou forte recuperação em 2021. A produção de soja, principal produto da agricultura gaúcha, apresentou crescimento de 79,4% na quantidade produzida em 2021 (**Tabela 3.2**). Também com aumentos expressivos estão a produção de fumo (20,6%) e uva (29,4%). O milho, afetado pela falta de chuvas no começo do seu ciclo produtivo, apresentou expansão de apenas 3,4%, não recuperando, portanto, as perdas do ano anterior. Já o arroz, que não sofreu tanto com a estiagem por ser uma cultura irrigada, cresceu 2,6% em 2021.

Além do crescimento da produção física, o setor da agropecuária vem beneficiando-se do aumento dos preços recebidos (**Gráfico 3.2**). Seguindo a evolução do mercado internacional, os preços do arroz, do milho e da soja apresentaram forte expansão a partir do final do 1.º trim./2020. Na média dos primeiros cinco meses de 2021, os preços reais (corrigidos pelo IPCA) desses produtos estão, respectivamente, 55,5%, 77,4% e 70,6% maiores que os observados no mesmo período do ano

anterior. Como resultado, segundo estimativa do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA), o valor de produção de 2021 da agropecuária do Rio Grande do Sul cresceu, em termos reais, 42,2% em relação a 2020.

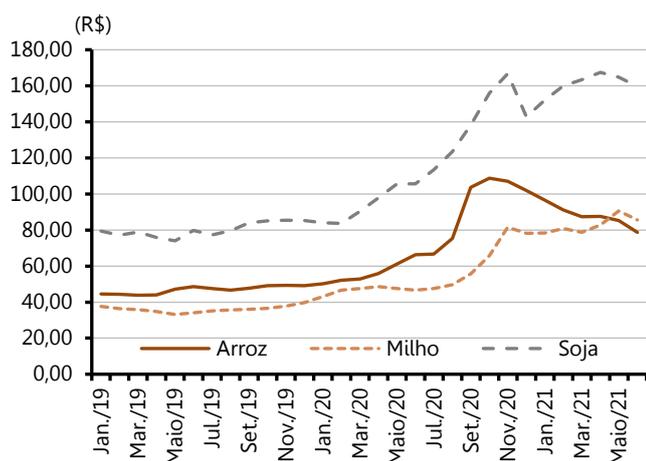
**Tabela 3.2 - Variação da área plantada, da quantidade produzida e do rendimento médio dos principais produtos agrícolas de verão do Rio Grande do Sul — 2021**

PRODUTOS	ÁREA PLANTADA (ha)	QUANTIDADE PRODUZIDA (t)	RENDIMENTO MÉDIO (t/ha)
Soja .....	1,9	79,4	76,0
Arroz .....	-0,2	2,6	2,8
Milho .....	3,7	3,4	-0,3
Fumo .....	-1,7	20,6	22,7
Uva .....	0,1	29,4	29,3

(%)

Fonte: Levantamento Sistemático da Produção Agrícola (LSPA) (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2021).

**Gráfico 3.2 - Evolução dos preços reais do arroz, milho e soja no Rio Grande do Sul — jan./2019-jun./2021**



Fonte: Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Rio Grande do Sul (Emater-RS) (2021).

Nota: Valores constantes a preços de maio/21, corrigidos pelo IPCA.

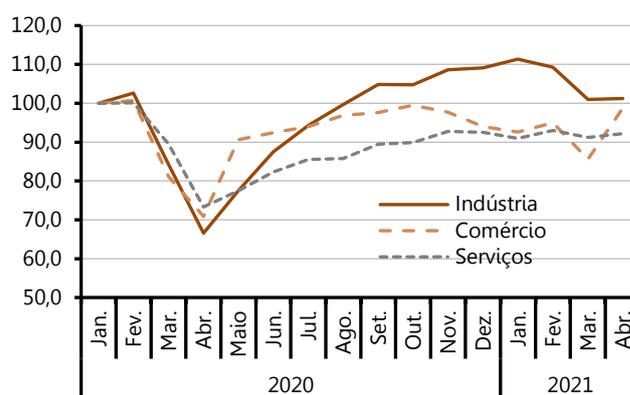
O MAPA também estimou um crescimento real de 11,8% para o valor de produção do Brasil em 2021. Somado ao aumento de 2020 em relação a 2019 (17,0%), o faturamento da agropecuária nacional acumula, nos dois últimos anos, um aumento considerável de 30,1%. Mais capitalizados, os produtores passaram a aumentar seus investimentos, através de maiores gastos com máquinas e equipamentos agrícolas e caminhões para o transporte da safra. A indústria de transformação do Rio Grande do Sul, principalmente a de máquinas e equipamentos, beneficiou-se enormemente desses investimentos. Para se ter uma ideia, em torno da metade do crescimento do Valor Adicionado Bruto da indústria de transformação no primeiro trimestre deveu-se à expansão da atividade de máquinas e equipamentos,

cujos principais produtos são máquinas agrícolas, como tratores e colheitadeiras, que encontram no mercado interno brasileiro seu principal destino de vendas.

Essa atividade cresceu, nos quatro primeiros meses do ano, 67,6% em relação ao mesmo período de 2020. Outras atividades industriais que se destacaram pelas taxas positivas de crescimento foram produtos de metal (44,2%), metalurgia (42,0%), produtos do fumo (38,7%) e móveis (37,9%).

Após a forte expansão verificada entre maio de 2020 e janeiro de 2021, a indústria de transformação do Estado apresentou, nos dados conjunturais mensais, recuo em fevereiro e, principalmente, em março (**Gráfico 3.3**). As quedas estiveram relacionadas com o aumento das restrições sanitárias e com a parada de importante fabricante de automóveis em função de problemas com a oferta de insumos. Em abril, a atividade voltou a crescer, embora a uma taxa de apenas 0,3%.

**Gráfico 3.3 - Índice da produção física da indústria de transformação, do volume de vendas do comércio varejista ampliado e do volume dos serviços do Rio Grande do Sul — jan./2020-abr./2021**



Fonte: Pesquisa Industrial Mensal-Produção Física (PIM-PF) (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2021a). Pesquisa Mensal do Comércio (PMC) (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2021b). Pesquisa Mensal de Serviços (PMS) (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2021c).

Nota: 1. Os índices têm como base jan./2020 = 100.  
2. Série com ajuste sazonal.

As vendas do comércio varejista ampliado apresentaram recuperação até o mês de outubro de 2020, quando quase chegou a igualar o nível de janeiro. Nos meses seguintes, no entanto, ocorreu uma desaceleração da atividade. Em março de 2021, seu nível ficou 14,4% abaixo do verificado no início de 2020. Tal desaceleração, como analisado no Boletim anterior, parece estar relacionada com a redução do Auxílio Emergencial a partir de setembro de 2020 e com o aumento das restrições sanitárias em março de 2021. Em abril, no entanto o volume das vendas apresentou uma forte

recuperação, com crescimento de 15,3% em relação ao mês imediatamente anterior. No acumulado de janeiro a abril, na comparação com igual período do ano anterior, o volume de vendas cresceu 5,3%, bastante influenciado pela baixa base de comparação de abril de 2020. Entre as atividades, os maiores crescimentos ocorreram em material de construção (32,9%), artigos farmacêuticos, de perfumaria e cosméticos (21,9%) e móveis (21,9%). Já hipermercados, supermercados alimentos, bebidas e fumo, principal ramo da atividade, apresentou diminuição de 7,0% nas vendas no período.

O volume dos serviços do Estado, na medição mensal, também ainda não recuperou o nível de janeiro de 2020. Mais do que isso, a atividade encontra-se em estabilidade desde novembro de 2020, indicando grande dificuldade para retomar seus níveis pré-pandemia. No acumulado de janeiro a abril de 2021, o volume de serviços cresceu 1,5% em relação ao mesmo período do ano anterior. Isso se deveu mais à baixa base de comparação observada em março, abril e maio de 2020 do que a um desempenho positivo ao longo dos primeiros meses de 2021. Entre as atividades do setor, as únicas que apresentaram crescimento nesse período foram serviços de informação e comunicação (0,3%) e transportes, serviços auxiliares aos transportes e correio (7,2%). A importante atividade de serviços prestados às famílias ainda apresenta queda, de 8,3%.

### 3.2 SETOR EXTERNO

Ao longo dos primeiros cinco meses de 2021, o mercado externo contribuiu positivamente para o crescimento da atividade econômica do Rio Grande do Sul. Influenciadas pela recuperação da produção agrícola interna e pelo aumento da demanda internacional, as exportações gaúchas alcançaram, entre janeiro e maio, o valor de US\$ 7.122,8 milhões, uma expansão de 28,5% em relação ao mesmo período de 2020 (**Tabela 3.3**).

Nos produtos da agropecuária, houve crescimento de 32,5%, refletindo, principalmente, a expansão da safra de soja no Estado. Entre as principais atividades industriais exportadoras, as maiores taxas de crescimento ocorreram em produtos de metal (51,5%), máquinas e equipamentos (32,1%), couros e calçados (28,9%) e produtos alimentícios (27,4%). A única queda verificada nesta lista foi em veículos automotores, reboques e carrocerias (-7,6%), em razão da parada da produção de importante fabricante de automóveis.

**Tabela 3.3 - Valor das exportações acumulado no ano, total e por atividades econômicas, e variações em relação ao mesmo período do ano anterior no Rio Grande do Sul — jan.-maio 2020-21**

ATIVIDADES	VALOR (US\$ 1.000)		VARIAÇÃO %
	Jan.- Maio/20	Jan.- Maio/21	
Agropecuária .....	1.560.998	2.068.880	32,5
Produtos alimentícios .....	1.304.697	1.662.159	27,4
Produtos químicos .....	440.345	536.221	21,8
Produtos do fumo .....	404.746	480.133	18,6
Máquinas e equipamentos .....	279.729	369.568	32,1
Couros e calçados .....	275.620	355.248	28,9
Celulose e papel .....	272.520	330.096	21,1
Veículos automotores, reboques e carrocerias .....	266.934	262.703	-1,6
Produtos de metal .....	166.909	252.793	51,5
Produtos de borracha e plástico	107.594	118.331	10,0
Outros .....	461.858	686.668	48,7
<b>VALOR TOTAL .....</b>	<b>5.541.950</b>	<b>7.122.798</b>	<b>28,5</b>

Fonte: Comex Stat (BRASIL, 2021b)

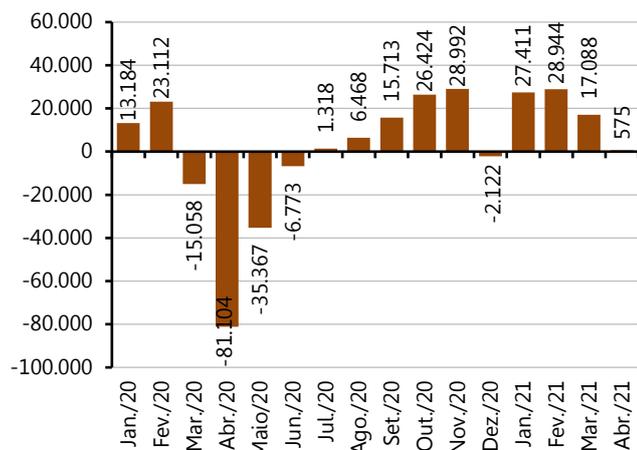
China, Estados Unidos e Argentina mantiveram-se nas três primeiras colocações entre os principais destinos das vendas externas do Estado. Já os maiores aumentos ocorreram para a Holanda (111,2%), Paraguai (52,1%), China (42,5%), Chile (36,3%) e Arábia Saudita (35,7%).

### 3.3 MERCADO DE TRABALHO

A criação de empregos formais apresentou desaceleração em março e, principalmente, em abril, quando foram geradas apenas 575 novas vagas de trabalho no Estado (**Gráfico 3.4**). Mesmo assim, os números permanecem positivos. No acumulado de janeiro a abril de 2021, o saldo entre admitidos e desligados foi de 74.018 empregos, e, no acumulado dos últimos 12 meses, houve criação de 108.671 novas vagas de trabalho. Com esses resultados, os empregos formais perdidos entre março e junho de 2020 foram mais do que recuperados. O estoque registrado em abril de 2021 foi de 2.600.823 empregos formais, um acréscimo de 12.509 vagas em relação a fevereiro de 2020.

Ainda no acumulado dos últimos 12 meses, as atividades que mais criaram empregos foram indústria de transformação (49.872), comércio (30.197) e serviços (17.121). Esses números refletem o desempenho produtivo dessas atividades econômicas, em que a indústria de transformação foi a atividade que apresentou a recuperação mais rápida, enquanto o comércio e os serviços estavam, em abril, com níveis produtivos ainda menores que os verificados no período pré-pandemia.

**Gráfico 3.4 - Saldo entre admitidos e desligados no emprego formal do Rio Grande do Sul — jan./2020-abr./2021**

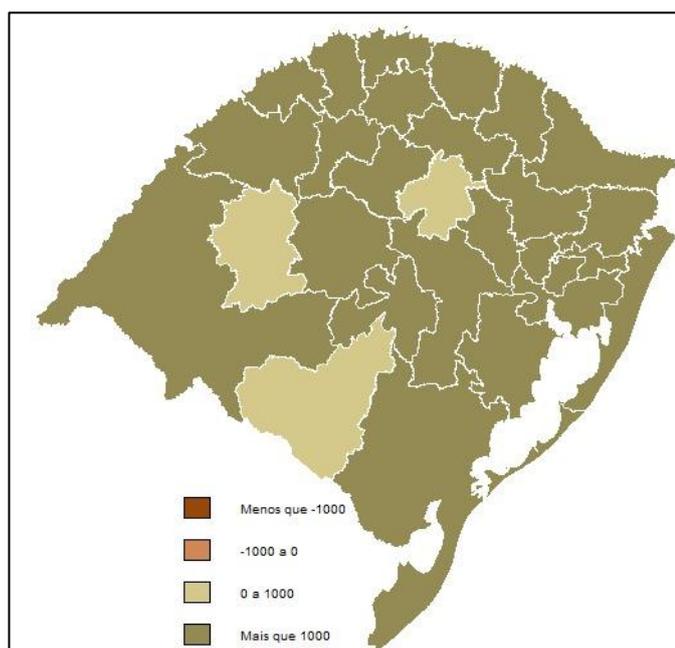


Fonte: Novo Caged (BRASIL, 2021c).

Regionalmente, também no acumulado em 12 meses, todos os 28 Conselhos Regionais de desenvolvimento (Coredes) do Estado apresentaram saldos positivos na criação de empregos formais (**Figura 3.1**). As maiores expansões ocorreram nos Coredes Vale do Rio dos Sinos (18.726), Serra (14.656) e Metropolitano Delta do Jacuí (10.015).

Entre os 497 municípios gaúchos, houve saldo positivo em 423, sendo os maiores registrados em Novo Hamburgo (4.298), Porto Alegre (3.926), Caxias do Sul (3.849), São Leopoldo (3.085) e Canoas (2.782).

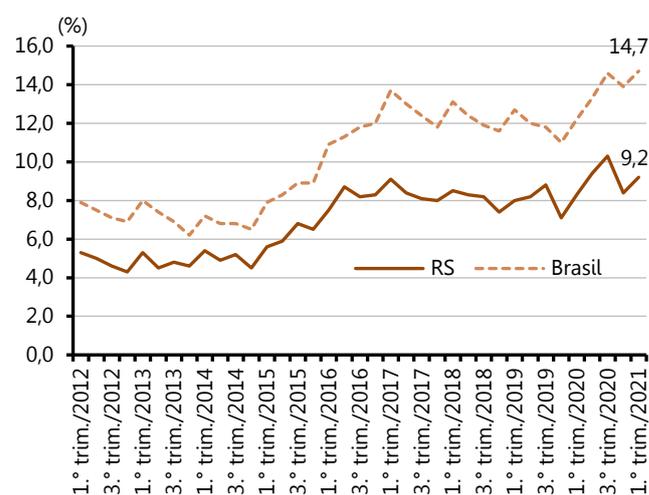
**Figura 3.1 - Saldo entre admitidos e desligados no emprego formal nos Conselhos Regionais de Desenvolvimento (Coredes) do Rio Grande do Sul — acumulado em 12 meses terminados em abr./2021**



Fonte: Novo Caged (BRASIL, 2021c).

Já nos dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua), que engloba tanto o mercado de trabalho formal quanto o informal, os efeitos da recuperação da atividade econômica ainda não foram totalmente refletidos. Segundo essa pesquisa, o número de ocupados do 1.º trim./2021 foi de 5.193 mil pessoas, apresentando certa estabilidade em relação ao 4.º trim./2020, mas queda de 386 mil pessoas na comparação com o 1.º trim./2020. Essa redução do número de ocupados reflete, ainda, as dificuldades de recuperação do emprego desde o início da pandemia, principalmente nas atividades informais dos serviços. Com isso, a taxa de desocupação passou para 9,2% no 1.º trim./2021, a mais alta taxa para um primeiro trimestre desde o início da pesquisa, em 2012 (**Gráfico 3.5**).

**Gráfico 3.5 - Taxa de desocupação no Rio Grande do Sul e no Brasil — 1.º trim./2012-1.º trim./2021**



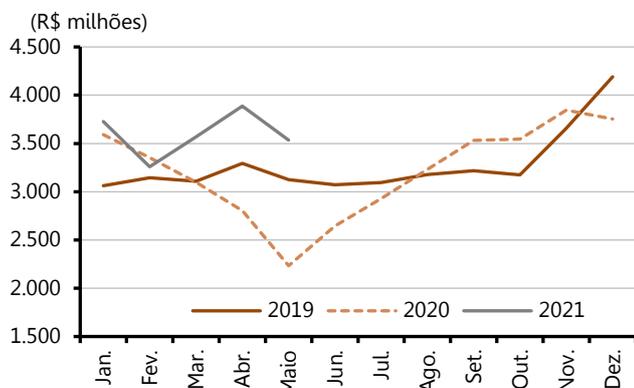
Fonte: PNAD Contínua (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2021d).

### 3.4 ARRECAÇÃO DE ICMS

Conforme já observado nos boletins anteriores, a arrecadação do Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS) no Rio Grande do Sul vem apresentando um comportamento muito próximo ao desempenho da atividade produtiva. Entre janeiro e maio de 2021, o valor arrecadado com o imposto, a preços constantes de maio de 2021, alcançou R\$ 17.973 milhões, um acréscimo real de 19,2% em relação ao montante arrecadado no mesmo período do ano anterior (**Gráfico 3.6**). Setorialmente, houve variação positiva dos valores arrecadados nas atividades do comércio (28,0%), da indústria de transformação (24,0%), das agregadas em outros serviços (20,1%) e da

agropecuária (15,1%). Ainda não recuperaram os valores de 2020 as atividades de informação e comunicação (-8,3%) e as agregadas em outras indústrias (-4,3%).

**Gráfico 3.6 - Arrecadação do Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS) no Rio Grande do Sul — 2019-2021**



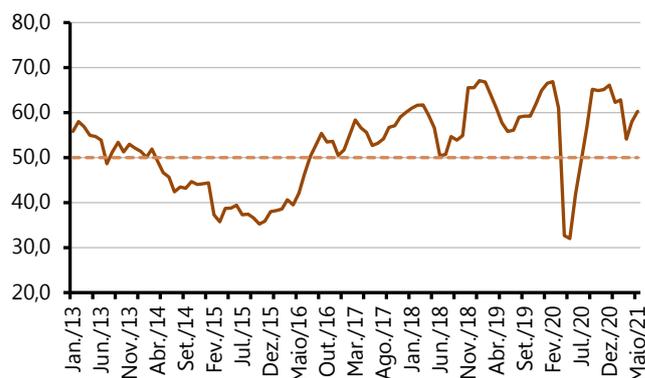
Fonte: Sefaz-RS/Dados Abertos (RIO GRANDE DO SUL, 2021).  
Nota: Valores constantes a preços de mar./2021, corrigidos pelo IPCA.

### 3.5 PERSPECTIVAS

Em relação aos próximos meses, as perspectivas para o desempenho da economia do Rio Grande do Sul continuam mistas. Pelo lado da agropecuária, o período à frente será marcado pela maior parte do impacto da supersafra de soja, com a injeção de vultosos recursos na própria atividade agrícola, como, também, de maneira indireta, nas atividades relacionadas da indústria, do comércio e dos serviços.

Pelo lado da indústria de transformação, as perspectivas são de dupla natureza. Os dados do Índice de Confiança do Empresário Industrial (ICEI-RS) do Rio Grande do Sul mostram que, após as quedas verificadas entre janeiro e março de 2021, em abril e maio houve nova aceleração do indicador (**Gráfico 3.7**). Por outro lado, a parada na produção de importante fabricante de automóveis em função de problemas com oferta de semicondutores ainda deverá atuar como limitador para um melhor desempenho da atividade nos próximos meses.

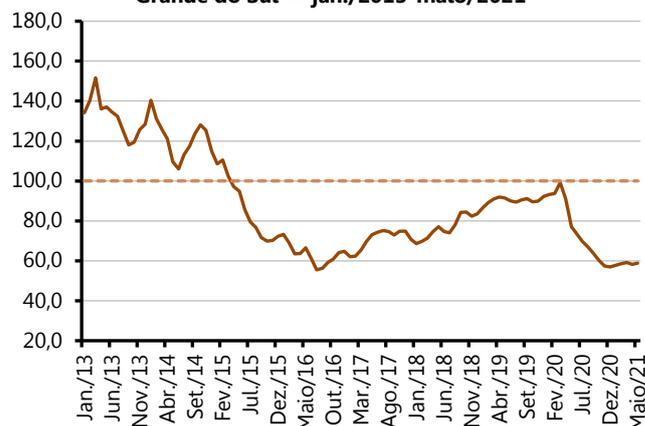
**Gráfico 3.7 - Índice de Confiança do Empresário Industrial (ICEI-RS) no Rio Grande do Sul — jan./2013-maio/2021**



Fonte: Federação das Indústrias do Estado do Rio Grande do Sul (2021).  
Nota: O índice varia entre 0 e 100 pontos; valores acima de 50 pontos indicam otimismo.

Conforme visto anteriormente, o comércio varejista ampliado do Estado apresentou forte aumento em abril sobre março, após um longo período sem taxas mais robustas de crescimento. Para os próximos meses, a retomada do Auxílio Emergencial, combinada com a instituição do Auxílio Estadual, pode ajudar nas vendas do comércio. Ao mesmo tempo, o indicador que mede a Intenção de Consumo das Famílias Gaúchas (ICF-RS) ainda está em campo negativo, refletindo as dificuldades ligadas ao mercado de trabalho e à inflação (**Gráfico 3.8**).

**Gráfico 3.8 - Intenção de consumo das famílias (ICF-RS) no Rio Grande do Sul — jan./2013-maio/2021**



Fonte: Federação do Comércio de Bens e de Serviços do Estado do Rio Grande do Sul (2021).  
Nota: O índice varia entre 0 e 200 pontos; valores acima de 100 pontos indicam otimismo.

De fundo, a pandemia e a evolução da vacinação serão fatores que impactarão o desempenho geral da atividade econômica, destacadamente daquelas que dependem mais da movimentação de pessoas, como o comércio e alguns importantes serviços.

## PRINCIPAIS INDICADORES MENSAIS

**Tabela A.1 - Principais indicadores econômicos do Rio Grande do Sul e do Brasil — dez.-maio/2021**

	(%)					
DISCRIMINAÇÃO	DEZ/20	JAN/21	FEV/21	MAR/21	ABR/21	MAIO/21
<b>Índice de atividade econômica</b>						
Rio Grande do Sul						
Taxa de variação contra o mês imediatamente anterior	-0,23	2,63	3,41	-0,31	1,73	-
Taxa de variação contra o mesmo mês do ano anterior	1,43	2,19	11,09	17,68	27,50	-
Acumulado em 12 meses .....	-4,72	-4,45	-3,01	-0,44	3,48	-
Brasil						
Taxa de variação contra o mês imediatamente anterior	0,52	0,61	1,65	-1,61	0,44	-
Taxa de variação contra o mesmo mês do ano anterior	1,45	-1,12	0,18	5,34	15,92	-
Acumulado em 12 meses .....	-3,99	-4,09	-4,12	-3,55	-1,20	-
<b>Produção industrial</b>						
Rio Grande do Sul						
Taxa de variação contra o mês imediatamente anterior	0,48	2,02	-1,89	-7,60	0,31	-
Taxa de variação contra o mesmo mês do ano anterior	18,93	8,33	7,77	20,97	53,79	-
Acumulado em 12 meses .....	-5,53	-4,84	-4,33	-1,65	4,68	-
Brasil						
Taxa de variação contra o mês imediatamente anterior	0,67	0,22	-0,99	-2,23	-1,25	-
Taxa de variação contra o mesmo mês do ano anterior	8,32	2,38	0,25	10,40	34,66	-
Acumulado em 12 meses .....	-4,46	-4,22	-4,18	-3,11	1,13	-
<b>Comércio</b>						
Rio Grande do Sul						
Taxa de variação contra o mês imediatamente anterior	-4,06	-0,49	1,26	-2,54	8,00	-
Taxa de variação contra o mesmo mês do ano anterior	-4,80	-9,23	-9,07	8,03	41,15	-
Acumulado em 12 meses .....	-5,18	-6,01	-6,67	-5,06	-0,38	-
Brasil						
Taxa de variação contra o mês imediatamente anterior	-2,96	-2,34	3,44	-5,04	3,82	-
Taxa de variação contra o mesmo mês do ano anterior	2,81	-3,07	-1,94	9,82	40,89	-
Acumulado em 12 meses .....	-1,43	-1,96	-2,32	-1,11	3,49	-
<b>Serviços</b>						
Rio Grande do Sul						
Taxa de variação contra o mês imediatamente anterior	-0,26	-1,67	2,22	-1,91	1,04	-
Taxa de variação contra o mesmo mês do ano anterior	-7,48	-9,16	-6,81	1,07	25,99	-
Acumulado em 12 meses .....	-12,62	-13,11	-13,42	-12,74	-8,89	-
Brasil						
Taxa de variação contra o mês imediatamente anterior	0,23	0,46	3,92	-3,10	0,69	-
Taxa de variação contra o mesmo mês do ano anterior	-3,14	-5,00	-1,78	4,52	19,83	-
Acumulado em 12 meses .....	-7,83	-8,36	-8,54	-7,98	-5,35	-
<b>Preços</b>						
IPCA-Porto Alegre						
Taxa de variação contra o mês imediatamente anterior	1,85	0,25	0,86	0,95	0,19	1,04
Taxa de variação contra o mesmo mês do ano anterior	4,23	4,31	5,04	6,38	6,64	8,22
IPCA						
Taxa de variação contra o mês imediatamente anterior	1,35	0,25	0,86	0,93	0,31	0,83
Taxa de variação contra o mesmo mês do ano anterior	4,52	4,56	5,20	6,10	6,76	8,06
IGP-DI						
Taxa de variação contra o mês imediatamente anterior	0,76	2,91	2,71	2,17	2,22	3,40
Taxa de variação contra o mesmo mês do ano anterior	23,07	26,54	29,96	30,64	33,47	36,55

Fonte dos dados brutos: Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2021f).  
 Pesquisa Industrial Mensal (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2021a).  
 Pesquisa Mensal do Comércio (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2021b).  
 Pesquisa Mensal dos Serviços (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2021c).  
 Banco Central do Brasil (2021).

## REFERÊNCIAS

BANCO CENTRAL DO BRASIL. **Sistema Gerenciador de Séries Temporais**. Brasília, DF: BCB, 2021.

Disponível em:

<https://www3.bcb.gov.br/sgspub/localizarseries/localizarSeries.do?method=prepararTelaLocalizarSeries>.

Acesso em: 17 jun. 2021.

BANCO CENTRAL DO BRASIL. **Sistema de Expectativas de Mercado**. Brasília, DF: BCB, 2021a.

Disponível em:

<https://www3.bcb.gov.br/expectativas/publico/consulta/serieestatisticas>. Acesso em: 17 jun. 2021.

BANCO MUNDIAL. **Global Economic Prospects**.

Washington, DC: World Bank, Jun. 2021.

BRASIL. Ministério da Economia. **Medidas econômicas voltadas para a redução dos impactos da Covid-19 (Coronavírus)**: linha do tempo. Brasília, DF: Ministério da Economia, 2021. Disponível em:

[https://www.gov.br/economia/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/boletins/covid-19/timeline?b\\_start:int=0](https://www.gov.br/economia/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/boletins/covid-19/timeline?b_start:int=0). Acesso em: 10 maio 2021.

BRASIL. Ministério da Economia. Secretaria do Tesouro Nacional. **Resultado do Tesouro Nacional**. Brasília, DF: Tesouro Nacional, 2021a. Disponível em:

<https://www.gov.br/tesouronacional/pt-br/estatisticas-fiscais-e-planejamento/resultado-do-tesouro-nacional-rtn>. Acesso em: 18 jun. 2021.

BRASIL. Ministério da Economia. Secretaria Especial de Comércio Exterior e Assuntos Internacionais. **COMEX STAT**. Brasília, DF: Ministério da Economia, 2021b.

Disponível em: <http://comexstat.mdic.gov.br/pt/home>. Acesso em: 14 jun. 2021.

BRASIL. Ministério da Economia. Secretaria Especial de Previdência e Trabalho. **Painel de informações do Novo CAGED**: abril 2021. Brasília, DF: Secretaria Especial de Previdência e Trabalho, 2021c. Disponível em:

<https://app.powerbi.com/view?r=eyJrIjojNW15NW10ODk0YmZiYy00Mjg3LTkzNWU0Y2UyYjIwMDE1YWI2IiwidCI6IjNlYzkyOTY5LTVhNTEtNGYxOC04YWM5LWVmOThmYmFmYTk3OCJ9>. Acesso em: 14 jun. 2021.

BUREAU OF ECONOMIC ANALYSIS. **Gross Domestic Product**. Maryland: BEA, 2021.

CARVALHO, Leonardo Mello de. Impulsionados pela importação de plataformas de petróleo, investimentos apresentam alta de 4,6% no primeiro trimestre de 2021. **Carta de Conjuntura**, [Brasília, DF], n. 51, 2021.

Disponível em:

[https://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/conjuntura/210601\\_nota\\_fbcf\\_iii.pdf](https://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/conjuntura/210601_nota_fbcf_iii.pdf). Acesso em: 14 jun. 2021.

EMPRESA DE ASSISTÊNCIA TÉCNICA E EXTENSÃO RURAL DO RIO GRANDE DO SUL. **Cotações agropecuárias**. Porto Alegre: Emater/RS, 2021.

Disponível em: [http://www.emater.tche.br/site/info-agro/precos\\_semanais.php#.YMql1ahKjIU](http://www.emater.tche.br/site/info-agro/precos_semanais.php#.YMql1ahKjIU). Acesso em: 14 jun. 2021.

FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL. **Índice de confiança do empresário industrial**. Porto Alegre: FIERGS, 2021.

Disponível em: <https://www.fiergs.org.br/numeros-da-industria/indice-de-confianca-do-empresario-industrial>. Acesso em: 14 jun. 2021.

FEDERAÇÃO DO COMÉRCIO DE BENS E DE SERVIÇOS DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL. **Intenção de consumo das famílias gaúchas**. Porto Alegre: Fecomércio-RS, 2021. Disponível em:

<http://fecomerccio-rs.org.br/pesquisas/>. Acesso em: 14 jun. 2021.

FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS. **Comunicado de Datação de Ciclos Mensais Brasileiros – Jun/2020 – CODACE**. [Rio de Janeiro]: FGV, 2020. Disponível em:

<https://portalibre.fgv.br/node/1776>. Acesso em: 24 jun. 2021.

FUNDO MONETÁRIO INTERNACIONAL. **World economic outlook: managing divergent recoveries**. Washington, DC: IMF, Apr. 2021.

GLOBAL CHANGE DATA LAB. **Our World in Data**.

England: Global Change Data Lab, 2021. Disponível em: <https://ourworldindata.org/grapher/covid-vaccination-doses-per-capita?tab=map>. Acesso em: 14 jun. 2021.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E

ESTATÍSTICA. **Sistema IBGE de Recuperação**

**Automática**: Levantamento Sistemático da Produção Agrícola - LSPA. Rio de Janeiro: IBGE, 2021. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/pesquisa/lspa/tabelas>.

Acesso em: 14 jun. 2021.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Sistema IBGE de Recuperação Automática**: Pesquisa Industrial Mensal – Produção Física Regional. Rio de Janeiro: IBGE, 2021a. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/pesquisa/pim-pf-regional/tabelas>. Acesso em: 14 jun. 2021.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Sistema IBGE de Recuperação Automática**: Pesquisa Mensal de Comércio. Rio de Janeiro: IBGE, 2021b. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/pesquisa/pmc/tabelas>. Acesso em: 14 jun. 2021.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Sistema IBGE de Recuperação Automática**: Pesquisa Mensal de Serviços. Rio de Janeiro: IBGE, 2021c. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/pesquisa/pms/tabelas>. Acesso em: 14 jun. 2021.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Sistema IBGE de Recuperação Automática**: Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio Contínua - Divulgação Trimestral — 1.º trimestre de 2021. Rio de Janeiro: IBGE, 2021d. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/home/pnadct/brasil>. Acesso em: 14 jun. 2021.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Sistema IBGE de Recuperação Automática**: Sistema de Contas Nacionais Trimestrais – Referência 2010 – 1º trimestre 2021. Rio de Janeiro: IBGE, 2021e. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/home/cnt/brasil>. Acesso em: 14 jun. 2021.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Sistema IBGE de Recuperação Automática**: Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo. Rio de Janeiro: IBGE, 2021f. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/tabela/7060>. Acesso em: 7 abr. 2021.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTADÍSTICA Y CENSOS (Argentina). **Agregados macroeconómicos**. Buenos Aires: INDEC, 2021.

NATIONAL BUREAU OF STATISTICS OF CHINA. **Quarterly data**. Pequim: NBS, 2021.

NETHERLANDS. Central Planning Bureau. **CPB world trade monitor**. Haia: CPB, Mar. 2021.

ORGANIZAÇÃO PARA A COOPERAÇÃO E DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO. **OECD Economic Outlook**: preliminary version. Paris: OECD Publishing, May 2021.

RIO GRANDE DO SUL. Secretaria da Fazenda. **Receita dados**. Porto Alegre: SEFAZ, 2021. Disponível em: <http://receitadados.fazenda.rs.gov.br/paineis/arrecadacao/>. Acesso em: 14 jun. 2021.

RIO GRANDE DO SUL. Secretaria do Planejamento, Governança e Gestão. Departamento de Economia e Estatística. **PIB RS trimestral**. Porto Alegre: SPGG/DEE, 2021a. Disponível em: <https://dee.rs.gov.br/pib-trimestral>. Acesso em: 14 jun. 2021.

STATISTICAL OFFICE OF THE EUROPEAN COMMUNITIES. **Quarterly National Accounts**. Luxembourg: EU, 2021.



**NOVAS FAÇANHAS**

NO PLANEJAMENTO,  
GOVERNANÇA E GESTÃO

[dee.rs.gov.br](http://dee.rs.gov.br)